

# Implicações linguísticas no acesso de imigrantes na rede pública escolar de Porto Velho

*Language Implications in the access of immigrants in the public school network of Porto Velho*

Gabriel Costa Pereira  
Laura Aires Cotinguiba  
Pâmela Melo de Souza

**RESUMO:** Este artigo tem por objetivo discutir como o conhecimento da língua portuguesa interfere na permanência e no êxito dos alunos e alunas imigrantes. A partir de estudos já realizados desde 2014, no âmbito do grupo de pesquisa MIMCAB e, a partir de 2016 do projeto temático “Observatório das Migrações em Rondônia –OBMIGRON”, ambos da Universidade Federal de Rondônia, percebeu-se as dificuldades do acesso de crianças imigrantes, especialmente, em virtude das questões linguísticas. Passados oito anos da chegada dos primeiros haitianos e haitianas em Porto Velho, as escolas de ensino básico ainda encontram dificuldades de ordem linguística e cultural com as crianças imigrantes. Trata-se de uma pesquisa em andamento que visa realizar um levantamento das principais dificuldades de comunicação em língua portuguesa entre os alunos, os professores e o corpo técnico de escolas em Porto Velho. Os pressupostos teóricos que norteiam o estudo são os conceitos da Linguística Aplicada, sobretudo, a possibilidade de análise da linguagem em uso, das reflexões sobre os aspectos socioculturais da língua. Os primeiros resultados apontam que muitas crianças imigrantes conseguiram se matricular e estudar nas escolas, mas a inserção é lenta e relativa, pois há ainda muitos desafios, principalmente em relação aos aspectos sociolinguísticos.

**Palavras-chave:** Inserção escolar. Implicações linguísticas. Crianças Imigrantes.

**ABSTRACT:** This article aims to discuss how knowledge of the Portuguese language interferes with the permanence and success of immigrant students. Based on studies already carried out since 2014, by the MIMCAB research group, and from 2016 on the thematic project “Migration Observatory in Rondônia - OBMIGRON”, both of the Federal University of Rondônia, it was noticed the difficulties of immigrant children’s access, especially because of linguistic issues. Eight years after the arrival of the first Haitians in Porto Velho, elementary schools still encounter linguistic and cultural difficulties with immigrant children. This is an ongoing research that aims to perform a survey of the main communication difficulties in the Portuguese language among students, teachers and staff of schools in Porto Velho. The theoretical assumptions that guide the study are the concepts of Applied Linguistics, above all, the possibility of analysis of the language in use, of the reflections on the sociocultural aspects of the language. The first results indicate that many immigrant children have been able to enroll and study in schools, but the insertion is slow and relative, since there are still many challenges, especially in relation to the sociolinguistic aspects.

**Keywords:** School insertion. Language Implications. Immigrant Children

## 1. INTRODUÇÃO

O Brasil tem recebido, principalmente na última década, imigrantes de diversos países. Segundo dados do Ministério da Justiça mais de 100 mil imigrantes entre haitianos, sírios e de outras nacionalidades entraram no Brasil, a partir de 2010. Segundo Cotinguiba-Pimentel e Cotinguiba (2018), no caso dos haitianos, o Estado brasileiro concedeu o visto humanitário como solução para o acolhimento. Já os venezuelanos solicitam refúgio ou residência temporária. O fluxo migratório mais intenso de venezuelanos no Brasil se deu a partir de 2016, embora desde 2000 existem registros de entrada dessa população (BAENINGER, 2018).

Assim, esses imigrantes se apresentam com categorias jurídicas diversas, como por exemplo, imigrantes com visto humanitário, refugiados, imigrantes solicitantes de refugiados, imigrantes refugiados ambientais (BAENINGER, 2018) e imigrantes refugiados econômicos.

Com origens, passagens e trajetórias diferentes, esses imigrantes e/ou refugiados, para viver e trabalhar no país destino, mesmo que provisoriamente, precisam aprender a língua. Nesse contexto de mobilidade linguística e cultural, é preciso (re)pensar conceitos e práticas de ensino-aprendizagem da língua portuguesa para essa população imigrante/refugiada.

A cidade de Porto Velho, capital de Rondônia, recebeu a partir de 2011 haitianos e haitianas, sobretudo vindos da fronteira Brasil-Bolívia-Peru (COTINGUIBA-PIMENTEL & COTINGUIBA, 2018), uma das portas de entrada desses imigrantes no Brasil. Ademais, Porto Velho foi uma das capitais contempladas pelo projeto PANA da Cáritas nacional, para receber venezuelanos. Por fazer divisa com o Amazonas e se localizar a 800 km de Manaus, Porto Velho

é uma das capitais de passagem para os venezuelanos que tentam ir para outros lugares do Brasil ou mesmo para outros países. Isso aumenta o fluxo de venezuelanos na cidade.

Nesse cenário, esta pesquisa lança um olhar para as implicações linguísticas no contexto escolar de crianças e jovens imigrantes. A partir de pesquisas já realizadas desde 2014 pelo grupo de pesquisa Migração, Memória e Cultura na Amazônia Brasileira e do Observatório das Migrações em Rondônia sobre o acesso de crianças e jovens imigrantes no sistema educacional formal e público brasileiro, foram apontadas dificuldades por parte dos pais dessas crianças para conseguir realizar matrícula nas escolas de Porto Velho.

## 2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Para se compreender o processo de inserção linguística e social das crianças imigrantes em Porto Velho, é necessário inicialmente entender a língua, seu funcionamento e as contribuições teóricas para a aquisição de uma língua adicional determinantes pela cultura e o contexto a qual o indivíduo está inserido.

Partindo do pressuposto de Ferdinand de Saussure (2006) que em seu curso de *Linguística Geral* caracteriza a língua como uma estrutura arbitrária, com um sistema de signos organizados a partir de uma construção social desenvolvida na escrita e conseqüentemente na fala e o ser humano vai desempenhar um papel muito importante nesta construção.

Outrossim, entender sobre esses funcionamentos requer um nível de esforço maior, principalmente por parte dos linguistas, pois a língua é abstrata e para entendê-la é importante que se compreenda os fatores que estejam atreladas a ela, sejam sociais ou culturais, e como exemplifica Bagno (2014) que ela não é um objeto acessível, como objetos concretos, uma pedra, um bicho ou uma substância. Além do mais, todas as demais áreas do conhecimento necessitam desse suporte linguístico para desenvolver seus trabalhos, isto é, a língua está presente em vários tipos de situações.

Sobre o trabalho com o ensino de Língua Portuguesa para imigrantes como uma outra língua, é necessário que se entenda o contexto pela qual este indivíduo veio, ou seja, entender um pouco de sua cultura, a história de seu país e os motivos que o levou a migrar, para que ocorra neste ensino uma aproximação as vivências do outro e a inserção no contexto em que ele está se inserindo. Contudo, não é uma tarefa simples, mas é construída durante todo esse tempo como afirma Velho (1976, p. 124) que “a ideia de tentar *pôr-se no lugar do outro* e de captar vivências e experiências particulares exige um mergulho em profundidade difícil de ser precisado e delimitado em termos de tempo”.

Para o ensino de uma língua segunda ou terceira, o docente tem que ter a consciência de prezar por um ensino holístico, que valorize a também, a língua do outro, a cultura, os modos de agir, os direitos e deveres de cada ser, sobre questões de cidadania em comparativo com o local em que está atualmente, principalmente pelo fato de que se vive num mundo multicultural e multilíngue e estes conhecimentos não devem ser desprezados, nem tratados de forma separada, pois se complementam.

A linguagem é uma faculdade única do ser humano e se desenvolve na relação com o outro, ou seja, uma construção em grupo e individual e assim, forma a realidade social e histórica, e contribui para que haja um entendimento ao se estabelecer uma comunicação por meio dos signos linguísticos.

A relação língua e sociedade e este seu uso na prática, vem se desenrolando com os estudos da Linguística Aplicada (LA), investigando sobre a relação do indivíduo dentre seus vários contextos de atuação no mundo real e como esse processo se constitui quando se está em contato com o outro, isto é, parte de uma observação prática para desenvolver a teoria. Nessa perspectiva Moita Lopes (2006, p. 18) destaca:

Que nenhuma teoria linguística pode contemplar: aspectos sociais e psicológicos de aprendizagem em sala de aula são somente algumas delas, estando bem distantes do escopo de uma teoria linguística (cf. Moita Lopes, 1996). É possível que uma descrição linguística que tenha mais a ver com o

modo como as pessoas (falantes, redatores, etc.) compreendem o uso da língua (as regras intuitivas que dizem seguir no uso de uma língua, ou seja, os conhecimentos que as pessoas têm de suas práticas linguísticas, seja mais útil para o processo de ensinar/aprender do que uma descrição informada por determinada teoria.

Em seu início, as pesquisas em LA se desenvolveram como o estudo de metodologias para o ensino de línguas estrangeiras, específico com o inglês. Entretanto, com o passar do tempo e do crescimento da área, a LA não se restringiu somente ao estudo das metodologias de ensino de línguas. No Brasil, por exemplo, os trabalhos são desenvolvidos com os saberes linguísticos e as ciências educacionais numa relação dialógica entre estas duas áreas do conhecimento e está se expandindo para outras tais como, psicologia, antropologia, sociologia. Como destaca Moita Lopes (2006, p. 19) que:

Ao contrário do que frequentemente acontece em outras partes do mundo, no Brasil, a pesquisa em LA tem se espalhado para uma série de contextos diferentes da sala de aula de LE: da sala de aula de LM para as empresas, para as clínicas de saúde, para a delegacia de mulheres etc., ainda que predominem aspectos referentes à educação linguística.

Os estudos voltados para a LA acabaram ganhando um caráter interdisciplinar pois passou a ser observado não apenas dentro, mas fora da sala de aula, problematizando sobre o uso dessa linguagem nos mais diversos campos, desta forma, levanta questões que pressupostos anteriores não contemplavam, sejam por não serem compreendidas ou que escapa aos percursos de pesquisa já traçados, “colocando o foco da pesquisa no que é marginal” (MOITA LOPES, 2014). Ou seja, a Linguística Aplicada traz muitas contribuições para com a sociedade.

Como afirma Biazzi & Dias (2007, p. 03) destacam que a LA:

[...] busca responder às necessidades da sociedade quando auxilia um profissional, por exemplo, na preparação de um programa ou material de ensino de língua materna ou estrangeira; na resolução de problemas de bilinguismo (uso de duas línguas o mesmo tempo); na investigação sobre o uso de estrangeirismos de origem inglesa no português do Brasil; na tradução literária e técnica [...] nas questões relativas ao processo de ensino e aprendizagem de línguas, na elaboração de dicionários e glossários; ou ainda quando trata de relações profissionais, buscando auxiliar no tratamento verbal na relação empregador/empregado.

Compreender uma linha teórica que preza pelas práticas linguísticas, culturais e sociais para a formação das teorias e metodologias faz com que se possa entender o fundamental papel da LA, principalmente ao professor que atua no ensino de línguas, na educação básica ou na superior, pois despertará no aluno reflexões críticas e conseqüentemente este passará a atuar no meio em que vive de maneira mais posicionada criticamente.

Quando se fala em língua deve-se compreender que sua formação passa por um processo ideológico, devido a isto, não é cabível desvincular os estudos linguísticos com as relações culturais e políticas de uma determinada nação. Assim também, essas questões norteiam o trabalho do linguista aplicado, a fim de observar suas práticas no ensino de LM ou LE.

De acordo com Pennycook *apud* Santos (1998, p. 89),

(...) neste mundo em que vivemos, ameaçado, marcado por desigualdades fundamentais, sociais, éticas, sexuais etc., a política não deve ser somente preocupação e domínio dos “Estados-Nação” ou dos “líderes políticos”. As nossas bases ideológicas e culturais, as quais permeiam os nossos trabalhos e as nossas vidas, devem ser consideradas, e no caso dos linguistas aplicados, principalmente por estarem envolvidos com os problemas de linguagem e educação, os trabalhos devem ser essencialmente políticos.

É válido ressaltar que, ao se estabelecer no ensino de Português como língua adicional, a relação de língua e cultura é necessário que não sejam observadas somente questões referentes a metodologia, materiais e métodos, mas que sejam levadas em consideração os aspectos políticos, econômicos, psicológicos e sociais e que a cultura do outro não seja apenas vista com uma “imagem exótica e nem por recortes de estilo de vida da cultura da língua-alvo” (SANTOS, 2004).

O ensino de uma língua, seja ela materna ou estrangeira, deve ser feito a partir de uma interação cultural do indivíduo com a sociedade onde ele vive. Ao ensinar para o aluno, nesse caso específico o migrante, uma língua nova, é necessário compreender que ele não está aprendendo somente regras dessa língua para formar frases ou escrever textos, e sim que ele utilizará dessa língua como passo principal para sua inserção na comunidade destino.

A comunicação dentro de uma comunidade é de extrema importância não apenas para conseguir realizar objetivos desejados como arrumar um novo emprego, mas também para entender como se dá os relacionamentos interpessoais naquele contexto. A forma de falar, as pessoas com que se fala, as situações em que são necessárias específicos tipos de linguagem apresentam parte importante para o migrante do que é essa nova cultura em que ele está vivendo. A língua é a ponte de acesso para sua inserção.

Não só como a primeira aproximação com a cultura e o lugar, a língua é uma das formas de se interagir nessa sociedade. O conhecimento de expressões locais por exemplo é uma maneira de compreender a forma com que as pessoas daquele grupo assumem sua cultura por carregar um significado histórico dentro daquele ditado ou expressões locais. Edleise Mendes (2004) em sua tese de doutorado explica a importância dessa integração entre a língua e cultura.

Investigar a comunicação humana, ou seja, o modo como interagimos uns com os outros através da linguagem, é um modo de enxergar o homem vivendo e agindo no seu mundo, do qual faz parte a sua língua. Esse mundo, desse modo, não está fora de nós, ou à parte do que somos, mas ele está em nós, assim como a nossa linguagem. (MENDES, 2004, p. 107)

De acordo com essa perspectiva, percebemos que não é possível fazer o migrante ter o aprendizado simplista, baseado somente na percepção gramatical normativa da língua.

O indivíduo deve aprender a língua numa perspectiva que abrange o âmbito sociocultural, pois é assim que sua inserção, mesmo que relativa, será feita de maneira acessível. No caso deste artigo, que trata da inserção das crianças nas escolas e como a maioria tem dificuldade em se manter nesse local, é necessário perceber como se dá os relacionamentos do lugar de onde vieram e no lugar em que estão inseridas. Entender as relações entre alunos e professores, por exemplo dentro da linguagem que é utilizada nas escolas ajuda no processo de conhecimento tanto da língua – conhecer variações e gírias por exemplo – quanto da cultura. Como foi dito anteriormente a maneira como nos comunicamos é parte estruturante da criação dos relacionamentos sociais e pessoais.

Ademais, é necessário entender os limites da introdução do migrante na cultura do país destino. Assim como o imigrante/refugiado precisa aprender os aspectos culturais do país para o qual migrou, a sociedade local também, como parte da recepção, necessita compreender e conhecer sua cultura e seus costumes. O aprendizado deve ser mútuo pois se não houver abertura para conhecer quem é o migrante não teremos uma inserção e sim uma integração forçada e apagamento de sua cultura. A abertura ao conhecimento por parte de quem ensina demonstra alteridade com o indivíduo, pois ensinar uma língua é também aprender e apreender o outro e não se pode cometer o equívoco de operar numa perspectiva etnocentrista.

No ambiente escolar de aprendizagem, especialmente com crianças e jovens, quando há o encontro entre culturas diversas é fundamental que se perceba as diferenças. A tentativa de homogeneizar as culturas, encontrando semelhanças para que o acesso entre ambas as partes seja “mais simples” é uma maneira de hierarquizar os povos. A inserção parte do pressuposto de apreender o sujeito e auxiliá-lo a encontrar caminhos para que ele tenha autonomia nessa sociedade destino. Apresentar as diferenças entre os costumes e cultura e respeitá-las demonstra humanidade com o indivíduo. O migrante quando chega no país receptor tem consciência de que naquele lugar ele será o outro, então parte do acolhedor lhe mostrar que ser o outro não o excluirá.

A depender do contexto no qual se dá a interação, ou seja, se as culturas gozam do mesmo prestígio social e político, se não estão em situação de dominador e dominado, se o encontro é movido pelo desejo de obter conhecimento e aprendizado mútuos, entre tantas outras possibilidades, além dos conflitos, choques e negociações naturais, ou melhor, acima de, podem estar presentes a cooperação mútua, a partilha de conhecimentos, os desejos de comunhão e integração e, sobretudo, o respeito pelo 'outro', pela diferença. (MENDES, 2004, p. 111).

A linguagem é também uma forma de alteridade. A parte mais importante de se ensinar uma língua, é fazer com que o imigrante/refugiado entenda que ele não é um estrangeiro no lugar em que está e sim parte integrante dessa sociedade. A humanização do indivíduo é parte fundamental para o ensino de uma nova língua para migrantes e por isso é necessário que haja esse ensino numa perspectiva intercultural. Essa humanização é explicada por Renata Anunciação (2018) quando partimos da visão do migrante como um indivíduo e não como o outro, diferente.

[...] a reificação de sujeitos migrantes e refugiados (impostas por discursos hegemônicos) limita os espaços por onde podem transitar esses indivíduos e, conseqüentemente, a possibilidade de exercício de sua agentividade e inserção mais igualitária na sociedade. (ANUNCIÇÃO, 2018, p. 40).

O olhar sobre o indivíduo migrante como apenas um estrangeiro acarreta numa exclusão desse sujeito por parte da comunidade que deve acolhê-lo. A concepção do ensino intercultural é o passo para essa não exclusão porque será a partir de um diálogo entre costumes e culturas que os indivíduos, tanto o migrante quanto o não migrante, irão desenvolver relacionamentos sociais.

Outro ponto é que não é só o ensino da língua que deve ser acessível, mas a linguagem utilizada para ensinar o migrante. Apresentar fotos, textos, vídeos ou músicas é uma maneira concreta de mostrar as variações culturais de um país, porém a maneira como falamos e o que nós falamos vem da nossa vivência cultural. A variação linguística no Brasil é imensa dentro do próprio país nós conseguimos identificar de qual região vem uma pessoa pelo sotaque, do mesmo jeito é um migrante internacional. Esse é um exemplo de que as culturas não são homogêneas e que a comunicação é possível a partir do momento em que se entende as culturas que conversam.

### **3. PROCESSOS DE INSERÇÃO E PERMANÊNCIA DAS CRIANÇAS EM UMA ESCOLA DE PORTO VELHO**

A pesquisa de Maquézia Santos (2018) apontou algumas dificuldades no acesso de crianças haitianas nas escolas públicas de Porto Velho. Segundo a pesquisadora,

(...) outro problema ainda maior desafiava os pequenos: a barreira linguística. Esta barreira impunha aos estudantes que nunca tiveram contato com a língua portuguesa a necessidade de aprender o quanto antes para conseguirem realizar o teste. Muitas das crianças obtiveram êxito em ingressar em suas séries, porém, outras ficaram em uma situação de ter que retornar à séries anteriores, rever matérias já estudadas, visto que no Haiti os assuntos do currículo escolar não difere muito do brasileiro, apenas porque não tinham ido tão bem no teste e, por não entender enunciados e palavras da língua portuguesa, o que ocasionou sentimentos de inferioridade, desmotivação e até depressão. Além disso, por serem protagonistas de um cenário que lhes podia ser ainda mais hostil, como o preconceito racial, a xenofobia e a falta de conhecimento de aspectos culturais do Haiti, esses alunos recebiam dentro das salas de aulas, a reprodução de um discurso de um povo “invasor”, “usurpador de empregos”, “sujo” e até de “exército disfarçado para implantação de um golpe esquerdista no Brasil” por parte de crianças brasileiras que ouviam de seus pais em casa e nas mídias sociais. (SANTOS, 2018, p. 64)

A barreira linguística continua sendo um dos grandes desafios para as escolas que recebem imigrantes e/ou refugiados, em 2019. A presente pesquisa partiu de uma demanda da escola Herbert de Alencar, por meio da diretora que pediu auxílio para realizar um acompanhamento com as crianças imigrantes matriculadas na escola. Isso se deu devido ao baixo rendimento por parte dessas crianças.

Assim, as observações referentes a esta pesquisa foram desenvolvidas na EMEF Herbert de Alencar, situada na Manoel Laurentino de Souza no bairro Nova Porto Velho. Essa escola atende do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental I (Anos Iniciais), e possui cerca de 450 crianças matriculadas, das quais 25 são imigrantes. No turno matutino estudam 13 crianças e no vespertino 12. A idade dos meninos e meninas imigrantes varia de 06 a 13 anos. Pela manhã há um aluno peruano, um venezuelano e 11 haitianos. Já na parte da tarde, há um cubano e 11 haitianos. Como se pode observar, a maioria dos imigrantes matriculados são haitianos.

Como afirmado anteriormente, iniciou-se um acompanhamento aos alunos imigrantes nessa escola, com aulas de língua portuguesa e rodas de conversa sobre diversos assuntos. Esse trabalho na escola começou no mês de maio de 2019 e é feito por uma equipe de graduandos do curso de Letras e uma professora da Universidade Federal de Rondônia com atividades de leitura, escrita e experiências culturais, a fim de verificar, dentre outros objetivos, como está o nível dos conhecimentos na Língua Portuguesa dos alunos.

No caso das crianças haitianas há um estranhamento maior no sistema escolar brasileiro. Uma das integrantes desta pesquisa realizou estágio de pesquisa no Haiti, especificamente na cidade de *Port-de-Paix* (Porto da Paz), no Noroeste do Haiti. Lá a pesquisadora realizou estágio de observação e participação em uma escola. É comum nas escolas da região os professores realizarem punições físicas quando os alunos não são obedientes ao corpo docente e administrativo da escola. Nas escolas brasileiras, isso não acontece.

Uma outra coisa que podemos citar que de fato é interessante é que no Haiti as aulas são todas ministradas em francês que é a segunda língua oficial do Haiti, mesmo os alunos e professores sendo falantes de crioulo a língua materna deles (todos falam em crioulo haitiano na escola), também podemos considerar que isso pode ter sido um choque nas crianças migrantes haitianas. As escolas haitianas também não possuem livro didático. Um outro fato diferente das escolas no Brasil do fundamental II e nas escolas haitianas é que no Brasil há um professor para cada matéria, e no Haiti é apenas um único professor para todas as matérias exceto inglês e espanhol que é um professor específico para cada matéria de línguas.

Na escola Hebert de Azevedo, foi possível observar até o presente momento que a compreensão do português é difícil para alguns e para outros é bem mais fácil, como no migrante falante de língua espanhola, pela proximidade da língua portuguesa é considerada mais fácil o entendimento das crianças do que as falantes de crioulo haitiano. Na parte da tarde há duas meninas haitianas que não falam nada de português, e pode-se observar que alguns amigos também imigrantes traduziam algumas coisas para elas.

Além dos desafios das crianças imigrantes, outro fator observado, é a dificuldade dos professores com as crianças, afinal não é fácil ministrar aulas para crianças com outras culturas e línguas, sendo assim verificou-se que há implicações na interação aluno-professor. Note-se que uma das implicações entre professor-aluno é saber se a criança migrante está entendendo os conteúdos ensinados na escola. Nessa perspectiva, a pesquisadora afirma,

Mesmo passando por diversas reformas que visaram sua melhoria durante todo o tempo de vigência, o modelo de ensino brasileiro ainda não privilegia a inteira inserção de crianças migrantes nas escolas públicas, ainda não há preparação antecipada das equipes pedagógicas para recebê-las, nem cursos pré-escolares para o aprendizado do idioma nacional, como acontece em outros países. (SANTOS, p.36, 2018)

Além de ser difícil a comunicação entre professor-aluno, também há dificuldade na comunicação com os pais dos alunos. Em uma visita a escola a diretora disse que mandava bilhete

aos pais de uma aluna imigrante informando que não haveria aula, sem entender, no entanto, o que estava escrito no bilhete a mãe levava a criança a escola.

Segundo relato das próprias crianças imigrantes a nota delas nas matérias eram muito boas, menos em português por terem dificuldade com a língua, o imigrante cubano relatou que em matemática suas notas eram as melhores da sala, isso nos faz questionar qual a dificuldade deles em terem um bom desempenho com a matéria de língua portuguesa, além da dificuldade com o idioma.

Por parte do corpo administrativo e docente da escola há uma preocupação em entender melhor esse “Outro” que está na escola, essa criança imigrante que precisa dos conhecimentos formais escolares. Em reunião com as professoras, constatou-se uma clara vontade de realizar um trabalho eficaz com esses alunos e alunas imigrantes. A fala entusiasmada das professoras em saber que a equipe da universidade iria acompanhar e dar suporte aos desafios encontrados pela escola, foi uma demonstração do desejo de inserir e acolher essas crianças.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo procurou apresentar resultados parciais de uma pesquisa em andamento sobre o acesso de crianças imigrantes no contexto escolar formal público no Brasil, sobretudo em Porto Velho, além de discutir alguns conceitos teóricos à luz da Linguística Aplicada.

Um dos primeiros desafios que os pais e familiares enfrentam para acessar a rede pública de ensino em Porto Velho é realizar a matrícula. Como já mostraram pesquisas anteriores, algumas crianças voltam um, dois, três anos o nível escolar já concluído no país de origem, por falta de uma política pública estatal que sistematize e regulamente procedimentos no âmbito das secretarias estaduais e municipais de ensino. Isso quando a criança não é barrada na matrícula por algumas escolas, por ser imigrante, por não ter traduzido os documentos, dentre outros motivos.

A negação de matrícula para imigrantes não é uma prática da escola Herbert de Alencar. Essa escola, ao contrário, é reconhecida no bairro onde é localizada, como “a escola dos haitianos”, por realizar matrículas com celeridade. Entretanto, há ainda muitos desafios a serem superados pela escola, a fim de promover um ensino mais eficaz para os alunos e alunas imigrantes.

Os resultados parciais desta pesquisa mostram que o principal problema reside nas relações de ensino-aprendizagem da língua adicional pautadas em práticas reflexivas sobre as implicações linguístico-culturais, identitárias, políticas e socioculturais do contexto desses imigrantes e refugiados.

Além disso, para que se possa conduzir um ensino-aprendizagem de língua adicional para imigrantes e refugiados pautados nessa atitude reflexiva exposta neste artigo, é preciso que se tenha uma política linguística por parte do Estado brasileiro. O que se observa, por sua vez, é a ausência de uma governança do Estado voltada para à uma política linguística de um real acolhimento das crianças e jovens imigrantes e refugiados.

#### REFERÊNCIAS

1. ANUNCIACÃO, R. F. M.A língua que acolhe pode silenciar? reflexões sobre o conceito de “português como língua de acolhimento”. In: BIZON & DINIZ (Orgs.). **Dossiê Especial: Português como Língua Adicional em contextos de minorias: (co)construindo sentidos a partir das margens.** *Revista X*, v. 13, n. 1. Curitiba, 2018, p. 35-56. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/60341>>. Acesso em: 26 maio 2019.
2. BAENINGER, R. Governança das Migrações – migrações dirigidas de venezuelanos e venezuelanas no Brasil. In: BAENINGER, R. et all (org.). **Migrações Venezuelanas.** Campinas: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2018.
3. BAGNO, Marcos. **Língua, Linguagem, Linguística: Pondo os pingos nos ii.** São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
4. BIAZI, T. M. D.; DIAS, L. C. F. **O que é linguística aplicada.** In: Anais do Universidade em foco: o caminho das humanidades. UNICENTRO, 2007.

5. COTINGUIBA-PIMENTEL, M. L & COTINGUIBA, G. C. Fronteiras e a ampliação do espaço transnacional haitiano – o Brasil como uma *baz*. In: MEJÍA, M. R. G. (Org.). Migrações e direitos humanos: problemática socioambiental. Lajeado: Ed. da Univates, 2018.
6. MOITA LOPES, L.P. **Uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado**. In: MOITA LOPES, L. P (org.). Por uma linguística aplicada indisciplinar. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. 1. Ed.
7. SANTOS, E. M. O. **Abordagem comunicativa Intercultural (ACIN):** Uma proposta para ensinar e aprender língua no diálogo de culturas. 2004. 440 f. Tese (Doutorado em Linguística), Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2004.
8. SANTOS, M. S. F. **As crianças migrantes e a inserção escolar:** um estudo de caso a partir da migração haitiana em Porto Velho. Monografia de Ciências Sociais. Porto Velho: Universidade Federal de Rondônia, 2018.
9. VELHO, Gilberto. **Observando o Familiar**. In: NUNES, Edson de Oliveira – A Aventura Sociológica, Rio de Janeiro, Zahar, 1978.